

RESQUÍCIOS DO ONTEM E DO HOJE: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES E(M) DISCURSOS NO/SOBRE O CONGADO DO IPANEMINHA – IPATINGA/MG

*(Yesterday's and today's remnants: memory and representations and/in discourses in/about the
congado from Ipaneminha – Ipatinga/MG)*

Letícia da Silva Bastos¹
Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG)

Nádia Dolores Fernandes Biavati²
Universidade Federal de São João Del-Rei

RESUMO

O estudo aqui descrito analisou as experiências coletivas de um grupo de congadeiros na comunidade rural do Ipaneminha, em Ipatinga/MG. A hipótese norteadora indica que as representações discursivas presentes entre os moradores do local sejam reveladoras de identidades (re)negociadas no congado e fora dele. Foi proposto levantamento de questões relacionadas à memória como forma de compreensão dos discursos e das formas de representação desses aspectos no povoado. Escolheu-se para o desenvolvimento do texto a Análise de Discurso Crítica, no desdobramento anglo-americano de estudos discursivos como abordagem teórico-metodológica. Optou-se por revisão bibliográfica baseada na construção de diálogo interdisciplinar entre autores e teorias que tratam de temas relacionados à memória cultural e discurso(s). O estudo de caso contou com coleta e análise de entrevistas realizadas sobre parte da população da comunidade. Notou-se que vários discursos atravessaram os dizeres dos entrevistados, construindo a memória como um conjunto de ressignificações, caracterizando o significado representacional e a relação entre a prática cultural do Congado e as identidades, práticas sociais e valores presentes na comunidade.

Palavras-chave: ADC. Memória. Discurso. Congado. Representações. Identidades.

ABSTRACT

The study described here analyzed the collective experiences of a group of congadeiros in the rural community of Ipaneminha, in Ipatinga/MG. The guiding hypothesis indicates that the discursive representations present among local residents are evidences of (re) negotiated identities in the congado and elsewhere. It was proposed to raise questions related to cultural memory as a way of understanding the discourses and ways of representing such aspects of the mentioned village. For the text production, it was chosen the Critical Discourse Analysis, with the Anglo-American unfolding of discursive studies as a theoretical-methodological approach. We opted for a bibliographic review based on the construction of interdisciplinary dialogue between authors and theories that deal with themes related to cultural memory and discourse (s). The case study included the collection and analysis of interviews carried out on part of the population of the community. It was noted that several discourses made up in the interviewees' words, constructing, thus, memory as a set of re-significances, characterizing the representational meaning and the relationship between the cultural practice of the Congado and the identities, social practices and values present in the community.

Keywords: ADC. Memory. Discourse. Congado. Representations. Identities.

¹ Mestra em Gestão Integrada do Território (2013), Licenciada e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa (2006). Professora do Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG Campus Ouro Branco. E-mail: bastoslets@gmail.com

² Graduada em Letras pela Universidade Federal de São João Del-Rei (1999), mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001) e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009). Professora adjunta da Universidade Federal de São João Del-Rei, no programa de Mestrado em Letras, na Linha de Pesquisa Discurso e Representação social. E-mail: nadiabiavati@ufsj.edu.br

Recebido em: outubro de 2017

Aceito em: maio de 2018

[DOI: 10.26512/les.v19i2.16912](https://doi.org/10.26512/les.v19i2.16912)

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a linguagem se revela como um aspecto muito importante para o entendimento e reflexão sobre as ligações entre os aspectos sociais e os culturais. Estudos de linguagem associados a manifestações de grupos organizados são importantes para a compreensão de narrativas que são compartilhadas e repassadas, de forma oral, normalmente de geração em geração. Pretendeu-se, com este estudo, estabelecer uma análise da comunidade campesina a partir do modo como elementos culturais da manifestação do grupo de Congado do Ipaneminha manifestam e determinam sua formação territorial. Dessa maneira, considerou-se todo o contexto envolvido nesse processo para identificar em que medida essa prática considerada tradicional interfere na construção de marcas de identidade em Ipaneminha, município de Ipatinga/MG.

Nota-se que apesar de a área geográfica campesina de Ipatinga corresponder a mais da metade do território municipal, ela é constituída por comunidades pequenas como a do Ipaneminha, área urbana fronteiriça com a zona rural, pouco populosa, pouco conhecida e ainda pouco estudada. A comunidade rural do Ipaneminha, objeto do presente artigo, apesar de possuir a maior extensão territorial entre todos os bairros do município, apresentava em 2010 (segundo o IBGE) 582 habitantes.

Nosso objeto de interesse se concentrou no grupo de congado do Ipaneminha, que foi formado originalmente apenas por homens negros que utilizavam instrumentos bastante rudimentares e segundo a tradição folclórica religiosa foi formado com o objetivo de pagar promessas aos santos católicos. O Congado do Ipaneminha, fundado em 1925 como um “grupo de marujos”, foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Municipal, através do Decreto n.º 3.579, de 03 de setembro de 1996. Atualmente, o grupo mantém a tradição de abrigar apenas homens, embora não exclusivamente negros, e continua intimamente ligado às festas religiosas populares do município, constituindo aspectos marcantes da memória local.

Entendemos memória para além de simples lembrança. Para nós, a memória constituída se revela nos dizeres dos sujeitos entrevistados e produz o entrelaçamento entre o Congado e o Ipaneminha, ainda que outras práticas culturais estejam concorrendo com o grupo. Na íntima relação entre memória e discurso, acredita-se que é pelo discurso que as memórias se (re)configuram. Ao mesmo tempo as identidades são fluidas e carregadas de rastros de memórias. Entrelaçando esses conceitos, está sendo proposta nesse artigo uma análise discursiva dos relatos

sobre o Ipaneminha e o Congado, com um olhar metodológico voltado para a Análise de Discurso Crítica (ADC).

A ADC, em suas bases teórico-metodológicas, é tomada como aporte de estudos ligados à linguagem para compreender como os dizeres sobre o congado se manifestam, considerando olhares sobre discurso(s), memória e cultura. Durante o trabalho de campo a interpretação de gestos, dizeres, rituais, cantigas e comportamentos passaram pela percepção do pesquisador que de certa forma buscou integrar tudo aquilo que foi exposto à análise discursiva. A partir de um estudo de caso sobre o grupo, buscou-se identificar informações subjetivas fornecidas tanto pelos entrevistados quanto pelos observados, valorizando os aspectos descritos e as percepções individuais.

A hipótese que guiou a pesquisa teve como perspectiva a ideia que as representações discursivas presentes no Ipaneminha seriam reveladoras de identidades (re)negociadas no movimento do congado e fora dele. Sendo que na presente pesquisa a compreensão de memória como construção discursiva passa pelas escolhas de pessoas que relatam sobre sua comunidade ao serem convidadas a falar sobre si, sobre o Congado e sobre a própria relação do grupo com as vivências estabelecidas naquele território.

Vários discursos atravessaram os dizeres dos entrevistados, construindo a memória como ressignificações, caracterizando as mudanças e permanências do território e a relação entre a prática cultural do Congado e as representações presentes sobre as identidades, práticas e valores que povoam a comunidade do Ipaneminha. Nesse sentido, compreender a interdiscursividade que cerca os dizeres dos entrevistados implicou no afloramento de contradições, diferenciações, apagamentos e esquecimentos; características comumente identificadas nos relatos, constituindo as ressignificações que se fazem por meio da memória.

Para melhor compreensão da análise apresentada o presente texto se organiza da seguinte maneira: a primeira seção esclarece sobre os debates conceituais que foram estabelecidos ao longo da pesquisa no que se refere à *Análise Crítica do Discurso*; a segunda seção apresenta-se como um direcionamento conceitual com o intuito de entrelaçar *Memória e Discurso* como meio de compreender as identidades e territorialidades presentes no Ipaneminha; a *Metodologia* vem logo em seguida; a quarta parte desse artigo é a *Análise* propriamente dita, associando os aspectos teóricos escolhidos com o levantamento desenvolvido com base na metodologia apresentada; por fim, temos as *Considerações Finais*.

1. A ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

Ao longo do presente trabalho, optou-se por adotar a visão crítica de estudos da linguagem, pois acredita-se que essa contempla melhor os fenômenos sociais e as relações desses com os discursos. Toma como um caminho a compreensão das materialidades e, nesse processo, considera a Linguística Sistêmica Funcional (LSF), uma abordagem instrumental dos estudos hallidianos (Halliday, 1988) para propor importante base instrumental de aspectos linguísticos discursivos significativos no presente trabalho. Tendo em vista os debates conceituais propostos dentro dessa perspectiva, foram utilizadas também, principalmente, as obras de Chouliaraki e Fairclough (1999); Fairclough (2001); Magalhães (2001); Resende e Ramalho (2009).

Considera-se a análise discursivo-crítica a que melhor converge com a proposta interdisciplinar considerada no presente trabalho. Assim, na perspectiva interdisciplinar, analisam-se os dizeres como texto, resultado de uma produção narrativa (prática discursiva), rastros de memória escolhidos para o momento da entrevista, e como discurso, considerando a linguagem como prática social em seu significado mais amplo. Assim como Claval (2001), acredita-se que o conhecimento de realidades sociais, sempre diversificadas e fragmentadas, precisa considerar o sentimento pessoal presente nos relatos junto às determinações materiais, históricas e geográficas de quem as produz.

Observando mais apuradamente as práticas sociais e discursivas no Ipaneminha, partindo do olhar etnográfico ao cotidiano local, buscou-se a percepção de formas simbólicas de representações da convivência social e das relações entre os indivíduos e o “seu” ambiente coletivo. Acredita-se que as representações discursivas podem revelar, dentre outras questões, as relações texto e contexto, atentando os sujeitos para relações de poder de diversas naturezas.

Foi estabelecido um recorte dentre as abordagens em ADC para o presente trabalho, direcionando-se a análise a partir de uma vertente de estudos anglo-americana, pois trata-se de uma corrente de estudos que abarca principalmente os fatos relacionados à interação entre os sujeitos e sua ação sobre o mundo e sobre/com a linguagem; as mudanças sociais, relações de domínio e sustentação de uma ou mais ordens discursivas por meio da linguagem. Debatendo esses aspectos, essa abordagem contribui para a percepção de como se estabelecem discursos globalizantes e discursos sobre a globalização, em que facetas discursivas, muitas vezes, determinam as formas de contato entre os povos e as consequências desse processo em curto, médio e longo prazo nas relações interpessoais (BIAVATI; SIQUEIRA, 2011).

Para compreensão do conceito de discurso, Fairclough (2001, p.22) descreve discurso de dois modos, sendo que o primeiro aponta “o uso da linguagem concebido como prática social”, e o

segundo como “modo de significar a experiência a partir de uma perspectiva particular”. Então, o entendimento daquilo que pode ser considerado como discurso passa tanto pela abstração das linguagens enquanto atividades práticas - muitas vezes não representadas pela oralidade - quanto pela concepção individual, geralmente transmitida por meio de gestos e palavras.

Considerando ambas as definições, pode-se ratificar que inexistem imparcialidade no discurso, pois ele se estabelece, principalmente, a partir do ponto de vista de alguma pessoa ou conjunto delas, em determinado contexto histórico e social e com um objetivo específico. Dessa maneira, as ideologias perpassam a constituição dos próprios indivíduos que, por sua vez, determinam a construção dos discursos. É uma relação dialética.

Para o presente trabalho e para o olhar interdisciplinar, cabe afirmar conforme Chouliaraki & Fairclough (1999) enfatizam o papel da ADC voltado tanto para teoria quanto para método, em que a análise operacionaliza percepções sobre o discurso na vida social e as implicações sobre a análise na elaboração de teorias. Em relação à forma como as palavras são colocadas no texto, considerando a perspectiva de estudos discursivos franceses, observa-se que “seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva (PÊCHEUX, 1997, p.161)”. As narrativas dos sujeitos entrevistados são textos, materialidades que constituem modos de representar a realidade sobre mudanças e permanências no grupo do Ipaneminha em relação com o local e o movimento ligado ao plano religioso, de caráter cultural.

Cita-se para o momento um conjunto de relatos que retrata a ideia de que a experiência com o sagrado no congado pode expressar desejos de permanência dos valores, expresso nos discursos e nas práticas religiosas. Ao mesmo tempo, essa experiência pode também fazer com que os sujeitos reivindiquem mudanças para si, na sua forma de ser e de estar no mundo. Todo esse conjunto determina a memória individual e é determinado por ela, moldando com isso experiências coletivas e o modo de avaliá-las. Assim sendo, as memórias individual e coletiva são reciprocamente dependentes, numa junção que determina as principais peculiaridades observadas no discurso.

Fairclough (2003) propõe que a linguagem seja constituída por significados que ajudam a compreender a constituição do gênero relato, dos discursos, as práticas culturais delineadas, as ideologias que sustentam as relações de poder na comunidade do Ipaneminha e do grupo de congado. Com a investigação, é possível aprimorar o olhar para o modo como se dão as identidades em investigação.

Nessa perspectiva, o olhar temático às mudanças e permanências da comunidade pesquisada busca empreender o entendimento às práticas sociais, analisadas em sua faceta

discursiva. Fairclough (2003) aponta para três elementos da ordem do discurso que também são entendidos como três tipos de significados do discurso: aquele que é entendido como *ação*, perceptível por meio de gêneros; o que se pauta na *representação*, caracterizado por aspectos ideológicos; e, por fim, o discurso pode significar *identificação*, por meio de estilos e traços identitários. Dessa maneira, a função identitária da linguagem “relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92).

Como os discursos culminam sempre em práticas sociais, toda ADC deve considerar as relações de poder. Da mesma forma, Raffestin (1993) indica que a formação do território é continuamente reveladora de disputas por poder, já a territorialidade é conceituada como uma expressão geográfica do exercício da dominação em um espaço geográfico determinado. Ao mesmo tempo, a territorialidade pode ser identificada no discurso como consequência das relações econômicas, políticas e culturais, de forma que, pode se apresentar de distintas maneiras, produzindo heterogeneidade espacial, paisagística e cultural. Ou seja, as comunidades, por meio de seus discursos, manifestam diversos aspectos que contribuem para a compreensão, dentre outros elementos, das territorialidades existentes. Portanto, investigar a comunidade do Ipaneminha por meio dos dizeres de alguns dos seus residentes significa interpretar esses discursos para compreensão das territorialidades presentes na constituição dessas identidades e o modo como elas se manifestam nos dizeres e nas simbologias que circulam ali.

Nesse estudo, a hipótese de que as representações discursivas presentes no Ipaneminha fossem reveladoras de identidades (re)negociadas no movimento do congado e fora dele foi confirmada. Notou-se também que essa visão consensual sobre práticas e valores identitários precisa atravessar o campo das instituições sociais para se consolidar como processos, pois a todo o tempo, (re)constrói identidades.

Além disso, diversas práticas sociais são determinadas por relações de poder e o discurso é o meio e o “lugar” em que se exerce o poder ou se luta para conquistá-lo. Então, a construção identitária dos indivíduos entrevistados pertencentes a esse agrupamento segue uma lógica em que as relações de poder são muito bem marcadas nos dizeres. Acredita-se que certas práticas culturais no Ipaneminha tenham origem bastante relacionada com as deliberações de grupos sociais que exerciam forte domínio em determinado período histórico, com ideologias de liderança e subordinação, como a dos militares e os marujos, contribuindo para a constituição de uma identidade particular, atribuída ao lugar. Contudo, as identidades são construídas e reconstruídas continuamente, sujeitas a adaptações e (re)formulações.

Os relatos ligam-se ao caráter identitário que interpela os sujeitos, isso porque “as representações nos dizem o que algo é ou não é e dizem respeito à relação que temos com o outro.

Por isso, a identidade é marcada pela diferença e pela similaridade. Elas se constituem pelas posições-de-sujeito (WOODWARD, 2006, p. 9)". Isso se explica, pois "toda prática é uma articulação de elementos sociais diversos: atividades, sujeito e suas relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e lugar, formas de consciência, valores e discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 231).

Fairclough (2001), com o intuito de solidificar a base dialética da ADC, marca três dos efeitos característicos dos discursos, de forma que inicialmente coloca que o discurso colabora para a constituição das identidades sociais, as posições dos sujeitos nos objetos sociais; em segundo lugar, o discurso contribui para a construção das relações sociais entre os indivíduos; concluindo, o autor indica que o discurso coopera para a edificação dos sistemas de conhecimentos e crenças.

Uma característica determinante dessa vertente de estudos é o seu caráter emancipatório, bastante significativo para a compreensão do objeto da presente pesquisa, pois, "por meio da investigação das relações entre discurso e prática social, busca-se desnaturalizar crenças que servem de suporte a estruturas (...) (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 186)". De tal modo, essa vertente de estudos pode contribuir para o desvendamento de rituais, revelando questões de naturalização que até então não estavam abertas ao debate, adotando assim um papel importante no discernimento das relações entre a linguagem e outros elementos da vida social.

A ADC é compreendida por Magalhães e Rajagopalan (2005) como um conjunto de análises que toma o texto como base dos estudos centrados nos conceitos de discurso, poder e ideologia. Desse modo, a memória se apresenta como algo importante na compreensão dos dizeres dos entrevistados no presente trabalho, especialmente considerando suas práticas de ressignificação.

2. MEMÓRIA E DISCURSO NO CONGADO DO IPANEMINHA

Um dos métodos de pesquisa adotado para o desenvolvimento da presente pesquisa se baseou na construção do conhecimento a partir de narrativas orais coletadas, com a investigação de relatos que constituem memória sobre o local, compondo as representações dos sujeitos que viveram o curso (e o percurso) da história.

Os relatos desses sujeitos trazem, para além das lembranças, traços coletivos expressos em suas escolhas discursivas, em seu modo de ver e relatar o que recordam. Além do que, a linguagem enquanto prática social, com influência mútua entre interlocutores, é lugar adequado para a revelação de ideologia(s). Nesse contexto, o objeto da análise enfatiza mudanças e permanências tematizadas nos dizeres sobre o grupo do Congado e sobre o Ipaneminha, ou seja, uma comunidade e sua relação com algumas práticas consideradas patrimônio cultural municipal.

As análises desenvolvidas por Halbwachs (1990) ofereceram grande contribuição para a compreensão das representações sociais que compõem a memória. O autor defende a tese de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que as lembranças são instituídas no interior de um grupo. As relações se modificam conforme os lugares ocupados, a memória espacial nem sempre se refere a um lugar primordial de origem do grupo, mas pode se modificar para atender a novas circunstâncias e movimentos.

Tanto a memória individual quanto a coletiva têm nos lugares e nos espaços em que habitam, bem como nas relações que se constroem nestes espaços, uma referência a qual pode ser expressa de diversas maneiras. Pierre Nora (1993, p.21) salienta que “os lugares se constituem ‘lugares de memória’, quando, simultaneamente materializam três sentidos: o material, o simbólico e o funcional”. Halbwachs (1990) destaca que a memória coletiva repassada por meio dos relatos assegura a formação de uma identidade no grupo, o que, muitas vezes, pode representar a sobrevivência de uma expressão cultural, temporal e espacialmente.

Chagas (2005) também indica que não é incomum em algumas práticas discursivas a busca pela conservação das memórias ser justificada pela perda de parte das lembranças, de maneira que essas perdas são entendidas como se estabelecessem males incondicionais e o contrário, a conservação das recordações, seria um bem soberano à sociedade. Assim sendo, os esquecimentos e as perdas são colocados como se não pudessem abrir caminhos para o novo e para o criativo; como se a memória pudesse ser resguardada sem tornar-se um eterno reconstituir-se. Além do que, as reconstruções e ressignificações de manifestações culturais comunitárias baseadas no presente podem contribuir ainda mais para a sobrevivência de expressões populares fundamentadas pela memória.

Compreender o congado como manifestação cultural constituída também pelo viés discursivo implica compreender os mecanismos de escolhas na construção dos relatos do grupo que, ao ser entrevistado, constrói sentidos sobre si, sobre a vivência comunitária e sobre o movimento face à comunidade. Quando se discutem as escolhas que o entrevistado faz ao estabelecer o que fará parte de sua narração, é fundamental mencionar o caráter sempre eletivo da memória e do discurso, estabelecendo aquilo que vai simbolizar um grupo, uma comunidade, ou a própria sociedade no seu sentido mais largo. No caso do Ipaneminha, é relevante destacar o caráter discursivo do qual se revestem as identidades, por meio dos rituais, das práticas e vivências coletivas que marcam a religiosidade, o lazer e a vida social. Trata-se de uma trama de relações que abrange a família, a irmandade congadeira, a tradição religiosa e a própria comunidade, ultrapassando a realidade empírica por meio de um imaginário com estruturas de significado que remetem a memória a outro nível, envolvendo antepassados, os santos de devoção e o próprio Deus.

Na busca pela compreensão da complexidade que envolve os relatos de memória e os discursos é importante perceber que o indivíduo envolvido pela tradição religiosa se apresenta de maneira diferente do típico “cidadão da comunidade”, pois lembrar pode ser sinal de manifestação de uma atitude espiritual que abarca inteiramente rituais habituais que são essenciais para que a ameaça de esquecimento seja dissolvida. A apreensão quanto às perdas definitivas garante que haja preocupação e esforço para a conservação das memórias relacionadas às expressões populares pouco difundidas.

Assim como lembram Rocha e Eckert (2000, p.13), acredita-se que “a memória carrega consigo a dimensão profunda de mitos, lendas e crenças das sociedades humanas, as quais configuram as práticas ordinárias de seus grupos sociais”. Essas crenças se manifestam pela memória, perpassando os discursos, em práticas de ressignificação da tradição popular. Na maioria das vezes, as iniciativas partem de narrativas que são passadas de geração em geração e sofrem adaptações de acordo com os narradores e o momento histórico que esses vivem, ou seja, inicia-se o entendimento cultural a partir das lembranças e ressignificações projetadas entre interlocutores, no contato dos mais velhos com os mais novos, que desejam contribuir de alguma maneira para a manutenção de um modo de vida característico.

Mesmo considerando que as transformações socioculturais sejam inevitáveis e que a ação humana se modifica e modifica o espaço constantemente, acredita-se que essas características de negociação, de reativação e de motivações simbólicas contemplam uma análise satisfatória para o Ipaneminha. Por conseguinte, tanto a descrição da memória quanto as questões que envolvem os discursos estão sendo debatidas aqui sem ter a pretensão de esgotar essa discussão.

3. A ADC: ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A Análise do Discurso Crítica de orientação anglo-americana foi a escolhida como vertente dos estudos da linguagem para a análise dos relatos coletados, pois permite perceber, para o presente objeto, os relatos, inferências sobre o dizer, em reflexão acerca dos acontecimentos sociais, os quais se inserem em determinado contexto, sendo interpelados constantemente por ideologias e relações desiguais de poder. Compreende-se a análise discursiva como um plano mediador entre o texto em si, as narrativas dos e sua conjuntura social – eventos, práticas, estruturas (RESENDE; RAMALHO, 2009), por isso a importância em compreender o contexto da comunidade e do Congado para analisar os relatos. Dessa forma, por meio do embasamento teórico e metodológico da ADC analisaram-se discursos e práticas sociais que envolvem a população do Ipaneminha, num

estudo em que foram entrevistados e observados integrantes do grupo cultural do Congado e não participantes do grupo que são residentes no povoado em destaque.

As práticas sociais e as identidades discursivas são trabalhadas em ADC a partir de significados, esses adaptados a partir da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1988):

O significado acional focaliza o texto como modo de (inter) ação em eventos sociais, aproxima-se da função relacional, pois a ação legítima/questiona relações sociais; o significado representacional enfatiza a representação de aspectos do mundo – físico, mental, social – em textos, aproximando-os da função ideacional, e o significado identificacional, por sua vez, refere-se à construção e à negociação de identidades no discurso, relacionando-se à função identitária (RESENDE; RAMALHO, 2009, p. 60).

O significado representacional foi usado como um dos pilares da análise a seguir, em que tomamos uma materialidade que destaca os modos de ser no mundo/ver a realidade, considerando os sujeitos envolvidos. Também dentro dessa ótica voltada para o significado representacional, considera-se bastante relevante o "significado da palavra", já que, de acordo com Fairclough, não existe individualidade na preferência por determinadas palavras, tão pouco na lexicalização de significados (RESENDE; RAMALHO, 2009).

Ainda nesse contexto, a noção de gênero enquanto prática social permite considerar as entrevistas como enunciados que, enquanto gêneros, constituem ação social. O debate a respeito de gênero também se desenvolve para além da definição tradicional de gênero ligada à literatura e avança para o olhar do texto como caráter de atividade socialmente ratificada. Para o presente trabalho, o gênero de análise são as entrevistas que se configuram em narrativas pessoais que trazem rastros da memória de vida e as relações com o grupo do Congado e a comunidade em foco.

Expandindo ainda mais os estudos em ADC, trata-se de uma apreciação crítica de como textos (sejam eles orais ou escritos) atuam no estabelecimento de representações, relações e identidades, bem como, no julgamento de valores. Nessa perspectiva, observando-se manifestações discursivas, acreditou-se na utilização dessa metodologia como modo de reflexão para análise das representações discursivas que circulam no Ipaneminha, sendo essas veiculadas nos dizeres e práticas observadas no estudo etnográfico. A produção teórica e a pesquisa privilegiaram uma perspectiva de análise qualitativa, com observação participante em que se acompanhou durante quatro semanas o cotidiano dos residentes na comunidade, além de três eventos festivos que envolviam a participação dos congadeiros. Era uma média de dezoito participantes do grupo nessas festividades, em conjunto com dezenas de moradores do Ipaneminha, bem como visitantes que ali estavam para a festa. Todos com alguma ligação de parentesco local se reúnem ano a ano para a realização das festividades do Divino. Em profundidade, foram realizadas dez entrevistas com

lideranças do congado e da comunidade; além de conversas informais com cinco participantes que estavam entre os mais velhos do grupo. Durante a observação participante, a seleção dos enunciados a serem analisados foi direcionada à rotina e as impressões que esses indivíduos tinham em relação ao movimento e à própria comunidade.

De qualquer maneira, sabe-se que “nos sentimos preparados para a investigação empírica e o objeto, sobre o qual dirigimos nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo (CARDOSO de OLIVEIRA, 2004, p.19)”. Nesse sentido, há uma preocupação da parte do pesquisador sobre qual deve ser a maneira menos impactante de se abordar o entrevistado, especialmente quando se espera que seus relatos de memória sejam menos manejados na busca por uma resposta que seja mais agradável ao entrevistador, ou seja, que a narrativa seja a mais espontânea possível.

A manifestação cultural do congado é compreendida aqui como um evento discursivo que, segundo Fairclough (2001), poderia ser analisado como texto, prática discursiva ou prática social. Numa perspectiva mais abrangente, os autores Chouliaraki e Fairclough (1999) transpõem a ideia que o discurso e o texto se desmembram da prática social e passam a destacar a última como sendo a única dimensão, pois os outros aspectos podem ser analisados dentro da prática social. Voltando em Fairclough (2001, p.91), as práticas discursivas são associadas às marcas identitárias e o discurso é compreendido como “uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”. Além disso, os textos são tidos como práticas discursivas, processos por meio dos quais se estabelecem atenção ao dizer inserido em práticas socioculturais.

Partindo do princípio que “a análise interdiscursiva de um texto relaciona-se à identificação dos discursos articulados e da maneira como são articulados (RESENDE; RAMALHO, 2009, p.72)”, pode-se dizer que, de outro modo, a forma como os atores sociais são representados no texto sugerem posicionamentos ideológicos em relação a eles e as suas atividades. A representação atua no campo simbólico. As construções simbólicas, como linguagem, figuras e estereótipos têm a competência de gerar subsídios para (re)modelar as várias identidades. Tendo essa perspectiva como base projetou-se analisar práticas discursivas em narrativas de integrantes do Congado e moradores do Ipaneminha, com destaque para a busca da compreensão dessas identidades a partir do significado representacional.

4. O OLHAR AO MOVIMENTO PELO SIGNIFICADO REPRESENTACIONAL

Um dos métodos de pesquisa adotado para o desenvolvimento do presente trabalho se baseou nos chamados “relatos de memória” que são também nomeados como narrativas. Assim como Delgado (2005, p.23), acredita-se que “as narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações”. De modo que “estas, por sua vez, são narrativas de identidade na medida em que o entrevistado não apenas mostra como ele vê a si mesmo e o mundo, mas, também, como ele é visto por outro sujeito ou por uma coletividade” (SILVEIRA, 2007, p. 5).

O evento discursivo do Congado, seguindo a perspectiva teórico-metodológica da ADC, pode ser compreendido por meio de significados, sendo que, a presente pesquisa teve como foco as correlações entre o significado representacional e a conjuntura local. As representações sociais, numa perspectiva discursiva, servem de base para um debate em torno da representatividade que o Congado possui para os atores sociais entrevistados no Ipaneminha. Também dentro dessa ótica voltada para o significado representacional, considera-se bastante relevante o “significado da palavra”, já que, de acordo com Fairclough, não existe individualidade na preferência por determinadas palavras, tão pouco na lexicalização de significados (RESENDE; RAMALHO, 2009).

Nas entrevistas realizadas em profundidade, as representações discursivas presentes no Ipaneminha emergem a partir do momento em que são tratadas mudanças e permanências no congado. Tal tema surge a partir do movimento narrativo, em que os entrevistados mais idosos relatam ser/estar no movimento, em indícios reveladores de identidades (re)negociadas no movimento do congado e fora dele. Os indivíduos que participam das festividades já desenvolvidas no local relatam os rituais tradicionais do Congado como se rememorassem, de certa forma, uma história de vivência religiosa familiar. Além disso, observaram-se traços que conferem às relações de parentesco, ao trabalho e, sobretudo, à religião valores identitários mantidos pelos residentes no local – membros do congado ou apenas influenciados por ele.

Dessa maneira, pode-se dizer que existe certa influência do congado na constituição de uma série de elementos observados no Ipaneminha, desde a configuração territorial, a organização das relações de poder e a construção identitária. Mesmo com todas as modificações ao longo dos anos, o congado, por meio das mediações da sua teia significativa, favorece a elaboração imaginária das noções de identidade, representação e de cultura local nessa comunidade rural. Entretanto, não havendo interessados em manter as práticas congadeiras, a perspectiva é de progressiva extinção das atividades dessa manifestação.

Especialmente por meio dos relatos percebeu-se no Ipaneminha, tanto nas práticas sociais como no grupo de congado, uma hierarquização “congadeira” que fica bem evidenciada no cotidiano da comunidade. Um exemplo é a predominância de lideranças masculinas. Ainda que, ocasionalmente, algumas mulheres tenham assumido postos de festeiras, as entrevistadas disseram que não se envolvem efetivamente em nenhuma atividade comunitária e apontam que a maior parte dos papéis de liderança é ocupada por homens, seja na igreja, na associação de moradores ou no próprio grupo de Congado (que continua não sendo aberto a entradas femininas).

Vale destacar que a hierarquia no Congado do Ipaneminha é bastante respeitada pelos seus membros, todos homens, as funções são muito bem demarcadas e o mestre realmente exerce soberania sobre os demais “cargos”. Alguns tratam a função considerada superior como coordenação e presidência, esclarecendo a importância dele na efetivação de tarefas essenciais para o funcionamento dos eventos, assim, houve relatos como “o que organiza a festa é o presidente”; “[...] o coordenador, ele, pode dizer que ele faz tudo, ele arranja condução, ele, ele reúne a turma, né; ele arranja farda pra gente, quando nós não temo farda, ele arranja farda pra nós; os instrumento [...]”.

Uma outra representação ligada à hierarquia que se destaca nos relatos – especialmente dos membros mais velhos do grupo – é a dependência pessoal e, por vezes financeira, entre os moradores do Ipaneminha que possuíam terras e os que nela trabalhavam. De um modo geral, na comunidade em questão, as condições de vida eram até similares e mesmo “o dono das terras” e seus familiares cultivavam-na. Também é inegável a participação efetiva e, muitas vezes, a liderança dos chamados “festeiros”, que eram pessoas que tinham condições de sustentar economicamente uma festividade e contribuir diretamente para a manutenção da expressão cultural em vigência. No caso do congado, os festeiros são coroados como rei e rainha em agradecimento pela benfeitoria. Dessa forma, pode-se dizer que as expressões religiosas populares não faziam distinção de classes, mas que, em alguns momentos, havia destaque maior para os mais abastados. A cerimônia de coroação é almejada, especialmente por representar grande status social para o festeiro (rei) e sua esposa (rainha).

A presença do Congado é tão representativa para o Ipaneminha que alguns moradores, mesmo não participando do Grupo, acreditam que a manifestação cultural contribui para o bem da comunidade. Quando perguntados a esse respeito, as respostas giraram em torno de três pilares, aqueles que disseram não saber da importância por não participar; alguns destacaram a tradição como ponto central, considerando essa sua grande relevância; e a maioria deles apontou as festas, a atração de visitantes e a possibilidade de geração de renda como o ganho principal para o Ipaneminha. Um exemplo do último é o relato abaixo.

Relato 06: No meu ver, o grupo de Congado (...) porque toda atração que fala que vai ter uma festa, vai tá vindo mais pessoas pra tá conhecendo o grupo. Atrai pessoas, traz renda para a própria comunidade. Sempre que tá tendo o Congado aqui, vai ter mais serviço porque os visitantes vai tá gastando na comunidade.

A festa em si também tem uma representatividade bastante positiva. Considerando as respostas que destacaram a tradição congadeira como uma contribuição para o local, ilustrativamente segue um relato de um morador que não participa do Grupo.

Relato 05: Importância é que é tradição, né?! Quando passa uma festa aí o pessoal já fica perguntano quando vai ser outra festa que o grupo tá apresentano, pra tá reanimano o grupo também, né?! Porque tano apresentano tá reanimando. Se não tiver, igual passa quantos anos sem tê festa aqui, aí fica difícil. Igual já tinha poucos anos que não apresentava aqui (...) aquela vocação. É até um meio mesmo das pessoa ta encontrano, porque dentro de ano acaba acontecendo muita coisa: perde congadeiro; os congadeiro perde os amigo. Então vai enfraquecendo e tano acontecendo vai tá chamando mais pessoas para o grupo.

O senhor que proferiu as palavras do relato acima assume de forma clara que possui alguma identificação com esse complexo de devoção popular, como expressão de uma identidade coletiva assumida também por moradores do Ipaneminha não membros do grupo do Congado. Percebeu-se a importância das festas também como forma de lazer e de interação entre os indivíduos, já que não há muitas oportunidades de encontro entre eles, nem variedade de opções de diversão na zona rural. Dessa maneira, os entrevistados deixam claro que, em termos de lazer, religiosidade e cultura, sentem falta do ritmo de vida que a comunidade possuía quando preservava grande parte das tradições repassadas por seus antepassados e do modo como aconteciam no passado.

Ainda nessa linha da representatividade tradicional, segue a descrição de um acontecimento importante para o Grupo por meio de um relato que contribui para a compreensão da simbologia religiosa do congado no Ipaneminha, de representações coletivas e do rompimento com a ordem a partir da junção de brancos e negros numa mesma manifestação cultural.

Relato 03: A programação é mesmo, faz é (...), tudo é fantasia mesmo. É para o modo de louvar os santos, de Nossa Senhora, porque o Congado é de Nossa Senhora do Rosário, né?! O sentido foi isso, ah, igual, Nossa Senhora é uma só, né, mas Nossa Senhora Aparecida foi pescada, né, no rio, aí, pegou, fez uma capelinha pra ela, e foi o Congado de Caboclo, foi um grupo de Caboclo buscar ela pra pô na igreja. Ela não parou, ela voltou. Foi o outro Congado de Marujo, que é igual ao nosso, mas foi só branco esculhido, buscou ela pra igreja, ela não ficou, tornou voltar. Ela foi transformada em cima de uma pedra, vocês pode ver a imagem, né. Aí pegou um Congado de, misturado preto e branco, e buscou ela, ela ficou, é a fonte que foi a fundação dessa catedral grande que tem lá em Aparecida. Começou com uma capelinha, pequenininha, pra hoje ta daquele jeito.

O termo identidade, pode se referir a posições assumidas ou com as quais se identificam os indivíduos na sociedade, ou seja, são sistemas de significações valorizadas por ele de algum modo. As representações são entendidas, em resumo, como formas de se traduzir ou se reproduzir a imagem de práticas sociais que se configuram como valor e significado. Identidade e representação, assim, relacionam-se intimamente com o pertencimento, com a identificação e com a maneira de se expressar tudo isso. Notou-se claramente no Ipaneminha, por meio da análise representacional dos relatos e das práticas de significação, uma identidade coletiva atrelada a sistemas simbólicos produzidos simbioticamente entre comunidade e Congado.

5. ANÁLISE: MEMÓRIA NO/SOBRE O TERRITÓRIO

Para o momento, escolheu-se uma das categorias de análise preponderante e reveladora para tratarmos da relação entre discurso e memória em seu sentido territorial. A reconfiguração do espaço (relatada) representa práticas e valores de recordação sobre o lugar. Mudam-se as práticas, mas os entrevistados generalizam, observando que existe um sentimento sobre a participação familiar na organização de atividades religiosas e da própria formação do Congado. Pode-se elucidar essa característica com o relato a seguir:

Relato 01: Meus avós nasceu aqui [*no Ipaneminha*] Todos moravam lá no Travessão. Só que participava no Ipaneminha, né? O Travessão era um lugarejo, um córrego né, um vale pequenininho do Ipaneminha. Meu tio fundou o grupo [*do Congado*] em 1925, ele ainda morava lá, ué! Fundou o grupo no Ipaneminha porque tava construindo a igreja né? A partir daí ele começou a tomar conta da Igreja. Morava lá e tomava conta. Participava das missas todo domingo. Era uma vez por mês, aí ele vinha pra cá todo final de semana pra tomar conta da Igreja. Terminava lá a missa, ele vinha embora, aí passava a ter festa, acabava a festa no domingo ou na segunda, naquele tempo era na segunda, aí ia embora. Pegava os cargueiros, a tropa e ia embora pro Travessão. Era tropa com cargueiro. Tinha que ser, porque enchia, trazia pra cá, quando terminava a festa na segunda-feira, fechava a casa e ia embora cuidar da fazenda. Foi assim até 75 por aí, é (...) 78 por aí, depois ele veio definitivamente pro Ipaneminha (...) aí vendeu a fazenda.

Ao tratar de mudanças e permanências dentro do território do Ipaneminha, o relato acima aponta para algumas transformações nos hábitos ao longo de mais de meio século. A construção da igreja católica se caracteriza como uma motivação para a criação de um grupo de congadeiros, sendo que, para a família que liderou essa formação, foram quase cinquenta anos de idas e vindas para a participação semanal das atividades religiosas, e para o transporte de utensílios a serem utilizados na festa com uma tropa de burros ou carros de boi passando pelas trilhas entre o Córrego do Travessão e o Ipaneminha. Eram três dias de festa, de sábado a segunda-feira. Atualmente, as festividades ocorrem em dias de domingo e tem duração de algumas horas. Provavelmente isso se

deve à concorrência das festas populares naquele local com outras formas de viver, outras práticas e outros valores.

Uma das principais transformações no Ipaneminha lembrada nos relatos foi o encurtamento das distâncias devido o processo de emancipação de Ipatinga. A partir daí, a maior parte das questões jurídicas, comerciais e documentais antes resolvidas em Santana dos Ferros ou Coronel Fabriciano passaram a uma distância menor e com acesso mais rápido por meio da implantação de um sistema de transporte público. Os relatos a seguir confirmam essas transformações, que vão (re)configurando o território material do Ipaneminha.

Relato 10: Antes não tinha nada! Não tinha estrada e tinha que passá na trilha a pé. Não tinha luz e nós usava lamparina, era o único jeito. Então, melhorou demais.

Relato 04: Aqui num tinha linha de ônibus, não tinha nada. Hoje já tem linha de ônibus, antes a gente ia a cavalo pra Ipatinga, tudo a cavalo, tudo no ombro do animale. Era doze burro na estrada aí, que descia por esse mato abaixo aí, (...) quando via tava chegando em Ipatinga.

Relato 06: Ó, quando eu era mais criança, quando eu tava crescendo, aqui, pro carro vir aqui, no Ipaneminha aqui era uma dificuldade danada. Principalmente aquele morrão lá, o ônibus vinha só até naquele morro ali e dali descia pra baixo porque carro não subia, né. Não ia porque era estrada de chão e é estrada de chão até hoje, né?! Mas não tinha escória e a escória ajuda bastante.

Há contradições ligadas às permanências e mudanças que podem ser caracterizadas a partir da diferença de postura e atitude entre os residentes na comunidade – pais – e os evadidos – filhos. Isso se confirma nas falas: “Eu falo com meus filhos que aqui é que é o meu lugar, num saio daqui não”; “Eu não tenho vontade de sair daqui. Tô com uma boa parte da família morando aqui também, a gente vive junto, vive bem, graças a Deus”; “Eu falei pros minino [*filhos*]: trabaiei a vida toda aqui e vou sair por quê? Seu pai deixou casa pra mim, deixou tudo. Por que que eu vou largar aqui e vou embora lá pra cidade?”. Dessa maneira, explicita-se a forte identidade parental e a escolha dos filhos por abandonarem o campo, enquanto seus pais, que possuem laços afetivos com o lugar, preferem permanecer no Ipaneminha.

Quando o entrevistado diz que trabalhou ali por toda a vida indica que esse processo tem significado importante na escolha por permanecer ali, ou seja, foi um período marcante positivamente em sua vivência e o ambiente contribuiu de alguma maneira. Outra fala nesse sentido é “a gente tem propriedade aqui também, né, foi criado aqui mesmo então não tem vontade de sair daqui”. Alguns dizeres esclarecem que na memória dos entrevistados aquilo que foi vivido ao longo dos anos que se passaram marcou suas vidas de modo que intensifica a vontade de continuar vivendo daquela mesma maneira e naquele mesmo local.

O território, ao mesmo tempo físico e simbólico, do Ipaneminha sofreu mudanças e permanências que marcam sua configuração espacial, sua história e a formação identitária de seu povo. O congado acompanhou todo esse processo e, até os dias atuais, está tendo que se reinventar para continuar vivo. Ao desenvolver nesta seção análises que destacaram o significado representacional observado em campo e aspectos da memória no/sobre o território percebeu-se que a cultura e a tradição estão em movimento no Ipaneminha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão central que se colocou em debate foi a influência da manifestação popular do congado na construção de identidades e territorialidades na área de estudo. Observou-se a não confirmação plena dessa pressuposição, pois apenas um dos membros do grupo de Congado reside no Ipaneminha e os relatos indicaram que, apesar dessa tradição influenciar em seu cotidiano e de não quererem que ela desapareça, os moradores do local não apresentaram interesse em se envolver diretamente nas atividades do grupo cultural.

Contudo, por mais que os congadeiros sejam poucos e não residam no vilarejo, sua influência sobre as práticas sociais da comunidade é muito clara, dada a sobrevivência das festividades em que o grupo se envolve. Além disso, ao longo desses oitenta anos, as mudanças vividas no Ipaneminha geraram inevitáveis transformações nos hábitos dos residentes e na própria manifestação do Congado. Entretanto, os conhecimentos e crenças sobre o congado, ainda que estejam sujeitos a entradas de outras crenças e costumes, como a mudança nas roupas e a evasão dos movimentos, as festividades constituem memória representada e resguardada. Isso significa que existe grande desejo em manter pelo menos parte dessas tradições, em reviver as alegrias da infância e em garantir que os novos membros da família tenham oportunidade de participar dessas experiências religiosas, sociais e culturais que são mencionadas com grande saudosismo.

A análise discursiva também possibilitou perceber que ainda que se detectem enfraquecimentos do grupo, a investigação da memória deixou à mostra a importância do folguedo para o lugar: o Congado é uma expressão popular repleta de sentidos e significativo não apenas para o Ipaneminha, mas representativa para a cultura popular brasileira. Pode ser considerado historicamente um elemento que valoriza e fortalece a cultura popular nacional no aspecto artístico, religioso e social. Por meio de suas práticas individuais e coletivas, permeadas pelo discurso religioso, econômico e familiar, os entrevistados deixam escapar que essa manifestação cultural envolve não somente questões religiosas, mas sociais, laborais, de poder e de parentesco na sociedade do Ipaneminha. Isso se revela em suas alegorias, sua religiosidade festiva, suas reuniões, seus personagens, seus trajes, enfim, sua riqueza simbólica expressa nas práticas sociais recorrentes

naquele território. Desse modo, acredita-se que a população dessa comunidade valorize suas raízes religiosas e culturais, mas não encontre muitas saídas para solucionar os problemas de sustentação da manifestação cultural do Congado e garantir sua permanência ali nos moldes da época bem-sucedida do movimento.

As identidades fragmentadas e as práticas rápidas do mundo contemporâneo atingem a comunidade investigada e em pouco favorecem as reuniões para manifestações religiosas e representações de sentimentos que cercam o campo religioso sincretista do movimento. Mesmo os mecanismos de mudança religiosa já atingem o Ipaneminha. Percebe-se nesse sentido que o território se faz com as territorialidades que acompanham as mudanças e permanências locais. São elas que darão o rumo para o movimento e para a comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIAVATI, Nádia Dolores Fernandes; SIQUEIRA, Sueli. Construindo identidades e práticas de migração: consolidando a “terra prometida”. UNB. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 12, n. 2, 2011.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. Pesquisas em versus Pesquisas com Seres Humanos. In: VÍCTORA, C.; OLIVEN, R. G.; MACIEL, M. E.; ORO, A. P. (Orgs.). *Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2004.

CHAGAS, Mário (2005, 18 de maio). Cultura, Patrimônio e Memória. *Revista Museu*. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>. Acesso em: 08 jun. 2012.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity*. Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DELGADO. Lucília de Almeida N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidade. *História Oral*, 6, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

_____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

MAGALHÃES, Célia Maria. A Análise Crítica do Discurso enquanto Teoria e Método de Estudo. In: _____ (Org.). *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001. p. 15-30.

MAGALHÃES, Izabel; RAJAGOPALAN, Kanavillil. (Orgs.) *D.E.L.T.A.*, PUC/São Paulo, 21: Especial, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 1-178, 1993.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et AL. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. 317 p.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise do discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2009.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. A memória como espaço fantástico. *Iluminuras*, v. 1, n. 1, 2000.

SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e Memória: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico. *Ciência e Conhecimento – Revista Eletrônica da Ulbra São Jerônimo*, v. 01, 2007, HISTÓRIA, A.2.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006. p. 07-72.